

[+ voltar para capa](#)

Editorias

- + Opinião
- + Cidades
- + Economia
- + Esportes
- + Caderno C
- + Charge
- + Brasil
- + Mundo
- + Cena urbana
- + Correio Digital
- + Marcas de Sucesso
- + Horóscopo
- + Esotérico
- + Há 50 anos
- + Tiras
- + Correio Escola
- + Editorial
- + Carta do Leitor

Classificados

Revista



Colunas

Suplementos

Especiais

Serviços

Publicada em 27/5/2008

Cidades

Educação - Medicina da Unicamp completa 45 anos

Faculdade, que começou em dependências precárias no Centro, investe hoje em pesquisa e serviços de excelência

Rogério Verzignasse
DA AGÊNCIA ANHANGÜERA
rogerio@rac.com.br



No começo, em 1963, as aulas eram ministradas em dependências cedidas pela Maternidade de Campinas. Dois anos depois, o curso se transferiu para a Santa Casa de Misericórdia. Todo espaço disponível servia: vãos sob escadas, mezaninos, corredores. Um aperto. Nascia daquele jeito, na base do improviso, uma instituição de ensino que se tornaria referência de qualidade. Neste mês, quando comemora 45 anos, a Faculdade de Ciências Médicas (FCM), mantém o compromisso histórico de formar profissionais éticos, com responsabilidade social.

Segundo o diretor da FCM, José Antônio Rocha Gontijo, a excelência é garantida pela dedicação integral à docência aliada aos investimentos em pesquisa. O currículo acadêmico se moderniza com o objetivo de integrar áreas de conhecimento e levar, para a comunidade, serviços de primeira linha.

Muitos dos campineiros das novas gerações não sabem disso. Mas o curso de medicina foi, de fato, o embrião do que viria a ser a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). A faculdade se tornou, com o tempo, o centro de um complexo de saúde pública que oferece, na Cidade Universitária, assistência especializada a uma região habitada por 4 milhões de pessoas.

E o modelo humanizado, integralizado, ganhou reconhecimento público. "Hoje, até o cidadão com recursos para pagar assistência médica privada recorre ao Hospital de Clínicas (HC) para fazer consultas, exames e cirurgias", afirma o médico.

A FCM formou os profissionais atuantes em setores estratégicos como o Centro de Assistência Integral à Saúde da Mulher (Caism), Hemocentro, Gastrocentro, centros de Hematologia, Controle de Intoxicações e Oncologia.

Na década de 80, especialmente, a faculdade deu um salto de qualidade. A pós-graduação passou a ser o foco principal dos investimentos, com a qualificação docente, ampliações físicas para laboratórios e sistemas de apoio a pesquisadores. "Os cursos oferecidos passaram a ser mais bem avaliados, houve um aumento impressionante da procura pela especialização e conseguimos mais verbas para a financiar a pesquisa. A FCM se notabiliza, desde então, pelos recursos humanos que produz", fala o diretor associado Gil Guerra Júnior.

Saúde na comunidade

Mas o reconhecimento, em nenhum momento, significa acomodação. A diretoria quer que a faculdade se integre à nova estrutura organizacional planejada para a saúde pública. De acordo com o diretor Gontijo, o Estado quer o fortalecimento do sistema de ambulatórios médicos especializados. A idéia é levar para fora do hospital equipes multidisciplinares, adaptadas às comunidades. Um modelo que vai evitar a superlotação hospitalar.

A FCM já tem experiência prática no setor. O Hospital Estadual de Sumaré, fundado em 2000, é administrado pela Unicamp.

Olá Lfddd!
Você está logado(a).
[encerrar sessão](#)

Busca

[Ed. anteriores](#)

[ASSINATURAS](#)

[ACESSO GRÁTIS](#)

[Como navegar](#)

[CLASSIFICADOS](#)

Publicidade



E, para que cumprir mais esse compromisso social, a FCM confia na sensibilidade do governo. É preciso, na opinião de Gontijo, abrir mais vagas na faculdade pública. Investindo na formação de mais especialistas, a seu ver, o Estado vai garantir saúde pública de qualidade a mais gente.

Centro aberto ontem preserva a memória

A Faculdade de Ciências Médicas da Unicamp inaugurou ontem o seu Centro de Memória. Lá serão preservados documentos e fotografias alusivos aos 45 anos de história. Um dos acervos já catalogados, por exemplo, é o da Medicina Legal, com 400 caixas de documentos textuais e 900 pastas de itens documentais. O complexo, com 1,8 mil metros quadrados, engloba o Salão Nobre e o espaço de exposições artísticas. O centro, aberto à população em geral e pesquisadores, vai oferecer cursos, palestras e pós-graduação. **(RV/AAN)**

A FCM EM NÚMEROS

1.152 alunos de pós-graduação
277 teses defendidas em 2007
664 graduandos em medicina
135 graduandos em enfermagem
113 graduandos em fonoaudiologia
463 médicos residentes
73 profissionais em aprimoramento
374 professores em atividade

LINHA DO TEMPO

1963

A Faculdade de Medicina, embrião do que viria a ser a Unicamp, começa a funcionar de maneira improvisada nas dependências da Maternidade de Campinas.

1965

A faculdade se transfere para a Santa Casa de Misericórdia. Departamentos, ambulatórios e enfermarias funcionam em qualquer espaço disponível do prédio histórico. Para compensar a falta de espaço no hospital, setores da medicina passam a funcionar em imóveis alugados ou agregados.

1966

Lançamento da pedra fundamental do campus da Unicamp, projetado para ocupar uma gleba de 30 alqueires tomada por canaviais, doada ao Estado. O professor Zeferino Vaz, à frente da comissão nomeada para a organização da universidade, é nomeado reitor pelo Estado.

1975

É lançada a pedra fundamental do Hospital de Clínicas da Unicamp, o conhecido HC.

1979

Os primeiros ambulatórios começam a ser transferidos para o embrionário Hospital de Clínicas.

1986

Com a inauguração oficial do HC, a Faculdade de Ciências Médicas é integralmente transferida para o campus universitário em Barão Geraldo.

2000

Inauguração do Hospital Estadual de Sumaré, administrado pela Unicamp.

2008

Aos 45 anos, a FCM ocupa 40 mil metros quadrados de área construída, com 16 departamentos. Nos 100 laboratórios, são desenvolvidos hoje 300 projetos de pesquisa.

- As pessoas interessadas em obter mais informações sobre a história da Faculdade de Ciências Médicas podem acessar o site www.fcm.unicamp.br.

Idealismo pela profissão marcou a primeira turma

Na época, profissão era cercada de glamour, mas locais das aulas não refletiam esse status

Rogério Antunes Pereira Filho, de 65 anos, poderia muito bem se aposentar e curtir o merecido descanso depois de quatro décadas de trabalho. Ele foi aluno da primeira turma do curso de medicina. Tem os cabelos branquinhos. Mas não se imagina fora do HC.

Ele nasceu em São Sebastião do Paraíso (MG). Passou a infância em Franca, onde a família tinha um empório. O pai era um homem muito simples, mas observador. Quando ficou sabendo da nova faculdade em Campinas, se apressou em convencer o filho a se mudar de cidade.

Pereira Filho lembra que estudar medicina era sinônimo de status. Coisa de elite mesmo. Para se ter uma idéia, 1.592 estudantes se inscreveram no vestibular para disputar uma das 50 vagas oferecidas na primeira turma.

Mas as pessoas de fora não imaginam a saga que os aprovados enfrentavam. As aulas na Maternidade eram em pavimentos improvisados, com chão de cimento fosco. Na Santa Casa, era prestada assistência a mendigos doentes, recolhidos nas ruas.

Aquela primeira turma, formada por estudantes idealistas, revelou profissionais notabilizados em seus respectivos setores de atuação. Gente como Antônio Carlos Corsini, Cássio Raposo do Amaral, Roger Abdelmassih. Mas, para Pereira Filho, além de carreira respeitada, a FCM arrumou casamento.

Foi lá, como aluno do terceiro ano, que ele conheceu a caloura Adriana, por quem se apaixonou. O casal teve três filhos, todos ligados à saúde. A paixão pela medicina foi herança genética.

O médico se diverte dizendo que há muito tempo a profissão perdeu o glamour social. A medicina, diz, se “proletarizou”. Para sobreviver, o médico faz plantão de madrugada em postinhos da periferia. Os médicos, diz, se habitam com a vida dura. “A saúde é um serviço caro. E, na assistência pública, a gente tem nas mãos um cobertor curto: quando cobre uma parte do corpo, a outra fica no frio. Mas, assim como no passado, quem abraça a carreira hoje sente prazer em trabalhar”, diz, orgulhoso. **(RV/AAN)**

Passeatas exigiam sede nos anos de chumbo

Estudantes tinham aulas na Santa Casa e saga pelo espaço próprio durou duas décadas

O ginecologista João Luiz Carvalho Pinto e Silva, de 63 anos, cultuado por funcionários e pacientes do Caism, era aluno da segunda turma da FCM, de 1964 a 1969. Ele fazia parte do centro acadêmico, bem na época em que os militares deram o golpe e instalaram a linha dura. À frente dos alunos que assistiam às aulas nas repartições improvisadas na Santa Casa, fazia passeatas. “Os alunos lutavam por um teto, uma sede própria equipada e funcional”, lembra.

Naqueles anos, a juventude fazia protestos em todo o planeta. Por aqui, não era diferente. A polícia, a serviço dos ditadores no poder, reprimia as manifestações. E levava os “arruaceiros” lá para a delegacia da Avenida Andrade Neves. O professor Antônio Augusto de Almeida, primeiro diretor da FCM, é que tinha de ir até lá de madrugada e colocar panos quentes na situação.

O médico lembra, com um sorriso no rosto, que a saga por uma sede própria durou duas décadas. O Centro de Memórias da faculdade ainda guarda fotos históricas, como aquela em que os estudantes de medicina empurravam o ônibus encalhado no estradão de barro que ligava Campinas ao “distante” distrito de Barão Geraldo.

Missão social

Hoje, Carvalho sabe que a faculdade é bem equipada, de grandeza reconhecida. No entanto, ele diz que a universidade é um bem público e que nunca deve abrir mão das atividades voltadas para o social. **(RV/AAN)**



◀ voltar

LEIA TAMBÉM:

[Diário do Povo](#) 
[Cosmo On Line](#)

ASSINE O CORREIO POPULAR
19 3736.3200
ligue agora!

CONTATO

 [E-mail](#)
 [FAQ](#)

[Anuncie no Correio Popular Digital - clique aqui!](#)

Copyright © 2005 Correio Popular.